

Jesus, o Sofrimento Humano e a Morte

(Marcos 5:21-43)

Joe Schubert

Nesta passagem de Marcos, vemos Jesus participando de um drama comovente e intenso. Numa rápida sucessão, uma cena segue a outra. Às vezes, as circunstâncias envolvem um conflito com as forças naturais do universo, como o que vimos quando Ele acalmou o temporal no mar da Galiléia. Em outras ocasiões, elas giram em torno de um conflito com o mundo demoníaco, como na expulsão da legião de demônios do pobre homem em Marcos 5. E em ainda outras ocasiões, vemos Jesus confrontando o sofrimento humano e o maior de todos os problemas, o grande mistério da morte.

Esses episódios representam um corte transversal da experiência humana que seria o suficiente para tirar qualquer um de nós do equilíbrio e nos dar a traumática sensação de estarmos completamente dominados. No entanto, Jesus passa por cada um deles com uma incrível facilidade. Ele jamais parece aturdido. Sempre sabe exatamente o que fazer. Ele se mostra altamente confiante em meio a circunstâncias em que homens e mulheres inferiores estariam despedaçados.

Esses episódios de ação rápida reforçam nossa certeza de que Jesus é mesmo o Senhor da vida e da morte.

JESUS E A MORTE (5:21-24, 35-43)

Marcos diz:

Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluiu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar. Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá. Jesus foi com ele. Grande multidão o seguia, comprimindo-o (vv. 21-24).

Deve ter sido difícil para Jairo ir até Jesus. Marcos nos diz que Jairo era uma das autoridades da sinagoga. Àquela altura, as sinagogas estavam praticamente de portas fechadas para Jesus e

Seu ministério. Ele havia curado muitas pessoas no sábado e escandalizado tantos fariseus que a vontade deles era expulsá-lo da sinagoga. Apesar disso, uma das autoridades da sinagoga na cidade de Cafarnaum foi ter com Jesus, suplicando-lhe que curasse sua filha.

Jairo teve de vencer muitos tipos de emoções diferentes antes de poder ir ter com Jesus dessa maneira. Ele teve de vencer seu próprio orgulho. Teve de brigar com o próprio preconceito e até com a vergonha e o constrangimento antes de ir ter com aquele professor itinerante, que fora rejeitado por todos os eruditos e mestres da liderança de Israel, aquele agitador que ia de vilarejo em vilarejo ensinando lições que desnorream o povo e que, pelo menos aos olhos dos fariseus, eram diametralmente contrárias ao ensino da Lei de Moisés. Jairo teve de deixar sua elevada posição de líder da sinagoga, ir até Jesus, prostrar-se aos pés dele e suplicar para que Ele curasse sua filha.

Embora essas forças fossem empecilhos entre Jairo e Jesus, um medo esmagador também levou aquele chefe da sinagoga até Cristo. O fato de sua filha de doze anos poder vir a falecer o levou até Jesus. Todo pai ou mãe pode perfeitamente se identificar com o desespero desse tipo de experiência.

Há também a evidência de alguma fé dentro do coração de Jairo. Marcos nos diz que quando ele foi até Jesus, ele se prostrou aos pés de Jesus e disse: “Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá” (v. 23). Aquele homem, com toda a sua proeminência, sabia que havia poder em Jesus. A fé de Jairo, embora fosse pequena e embrionária, aliada ao medo de que a filha falecesse, o impulsionou a buscar a ajuda do Mestre.

JESUS E O SOFRIMENTO (5:25-34)

A essa altura, Marcos deixa a história de Jairo e narra uma interrupção que ocorreu quando Jesus, Jairo e outras pessoas estavam indo até a

menina. Marcos diz que Jesus respondera imediatamente à agonia de Jairo, e Se colocara a caminho da casa dele, e acrescenta: “Grande multidão o seguia, comprimindo-o” (v. 24b). Naquela multidão havia uma mulher que tinha um problema de sangramento havia muitos anos. Os versículos 25 e 26 dizem:

Aconteceu que certa mulher, que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior,...

Lá estava aquela pobre mulher sofrendo de hemorragia, um fluxo de sangue contínuo que não só lhe causava grande sofrimento físico, mas também a deixava cerimonialmente impura segundo as exigências da Lei de Moisés. Ela estava condenada ao ostracismo, banida da sociedade judaica. Tinha de manter-se distante de todos. Não podia se misturar com os outros. Era como uma leprosa. Segundo a Lei de Moisés, os judeus fiéis eram proibidos de tocar numa mulher nesse estado. Não lhe era permitido freqüentar a adoração judaica nem no templo nem na sinagoga. Durante doze longos anos, essa pobre mulher se isolara da sociedade.

Ao contar a história dela, Marcos diz que ela “muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior...” Lucas, que era médico, simplesmente disse que ninguém pôde curá-la (Lucas 8:43).

Mas quando a mulher foi até Jesus, algo maravilhoso aconteceu. Marcos diz nos versículos 27 a 29 que ela:

...tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo.

Não sabemos como a mulher ouvira falar de Cristo, mas de alguma forma os relatos chegaram até ela. Esses relatos sobre Jesus despertaram esperança no coração dela. Ela pensou: “Aqui está alguém que, depois de todos estes anos de sofrimento, pode ser capaz de fazer alguma coisa pelo meu lastimável estado”. Ao aproximar-se de Jesus, ela viu a multidão comprimindo-O por todos os lados. Mas ela estava determinada a achar um espaço para ao menos tocá-lo. Ao empurrar, apertar e abrir caminho por entre a multidão, com certeza ela sabia que todos por ela

tocados seriam considerados cerimonialmente impuros. Mas ela estava determinada a empurrar todos até chegar a Jesus. Finalmente, ela chegou perto o suficiente para tocar-Lhe a veste e, imediatamente, sentiu que estava curada. O sangramento estancou.

Marcos diz:

Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou? Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto. Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônica do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal (vv. 30-34).

A reação dos discípulos à pergunta de Jesus é interessante. Quando Jesus fez essa pergunta, os discípulos disseram: “Jesus, por que é que o senhor está perguntando isso? Com toda esta multidão comprimindo-o, como o senhor espera descobrir quem o tocou? Pode ter sido qualquer uma destas cento e tantas pessoas”. Os discípulos, aparentemente, não sabiam que mesmo no meio de uma multidão Jesus era capaz de sentir o toque individual de uma pessoa.

Finalmente, atemorizada e tremendo, a mulher apareceu e se identificou. Ela estava consciente de que ela era agora o centro das atenções. Qual seria a atitude do Senhor para com alguém que tentara tirar-Lhe o poder miraculoso sem ser convidado? Ela caiu tremendo aos pés de Jesus e Lhe contou toda a verdade.

Qual foi a reação de Jesus? Será que Ele disse: “Olhe, senhora. Não vê que estou com pressa? Uma menina está morrendo e eu estou tentando chegar até a casa dela para curá-la. Como a senhora ousa me interromper e me atrasar?!” Não, Jesus permaneceu totalmente calmo e disse gentilmente à mulher: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal”.

Essa é a única passagem em todo o Novo Testamento em que Jesus usou a palavra *filha*. Ele está tratando essa pobre mulher com ternura. Apesar da vergonha e do constrangimento, ela desabafou com sinceridade e medo toda a verdade sobre si mesma e sobre o seu estado, perante a multidão que a comprimia. Ao cair aos pés de Jesus atemorizada e tremendo, ela contou como era o seu estado anterior. Disse há quanto tempo estava doente e, sem dúvida, descreveu toda a sua trajetória com detalhes. Contou como estava

determinada a empurrar a todos para chegar até Ele e como foi difícil ter acesso a Ele. Descreveu como conseguiu abrir caminho pela multidão, tocá-lo finalmente e como ela sabia que fora curada. Ela fez tudo isso com medo e trêmula, sem saber qual seria a reação de Jesus.

Que contraste entre a atitude da mulher e a da multidão! A multidão acotovelou e empurrou Jesus naquele dia, enquanto desciam pela rua da cidade. Estavam numa procissão, esperando ver o milagre que estava para acontecer na casa de Jairo, o líder da sinagoga. Mas a mulher foi até Jesus para um propósito completamente diferente. Ela foi até Jesus com um profundo senso de necessidade, com um coração esperançoso. Ela conseguiu de Jesus, naquele dia, tudo o que ela queria e ainda mais.

A essa altura, Marcos retoma a história de Jairo e sua filha. Começando com o versículo 35, ele diz:

Falava ele ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre? Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente. Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito. Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme. E riam-se dele (vv. 35-40a).

Todo esse relato bíblico, até esse instante, está direcionado para enfatizar a finalidade da morte. Vemos esse terrível momento quando a morte vence e esgotam-se os esforços humanos. A maioria de nós já esteve ao lado de um ente querido quando o médico meneia a cabeça e diz: “Sinto muito”. Todos já tivemos essa sensação de futilidade e fim da linha ao chegarmos junto ao esquife onde jaz o corpo de alguém que amamos. Foi isso que Jairo deve ter sentido naquela hora. Você imagina a impaciência dele, aguardando o encontro de Jesus com a mulher terminar? Eles estavam a caminho da casa dele quando isso aconteceu. Na minha imaginação, vejo Jairo primeiro apoiado numa perna e depois passando o peso do corpo para a outra perna, pensando quando Jesus iria retomar a caminhada. Apesar disso, por mais impaciente que estivesse, Jairo não ousou advertir Jesus porque ele sabia que Jesus estava cuidando de uma necessidade muito desesperadora. Finalmente, quando estavam prontos para prosseguir, chegou a notícia: “Sua

filha está morta”. O coração de Jairo entristeceu-se.

Ao entrarem na casa, os lamentadores já haviam começado o seu lamento. Naqueles dias, era costume contratar lamentadores profissionais para prantear a morte de um indivíduo. Havia toda uma agitação. Os lamentadores profissionais rasgavam as vestes, arrancavam os cabelos e davam altos gritos e bramidos. Tudo isso representava o terrível sentimento de desespero que as pessoas, mesmo em Israel, sentiam quando se deparavam face a face com a morte. A esperança triunfante e vitoriosa da fé cristã era quase totalmente ausente deles.

Ao entrarem na casa, Jesus disse às pessoas: “Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme”. Eles riram de Ele. Acharam que estava louco. Mas quem tinha a verdadeira noção da morte: Jesus ou os homens? Muitas vezes nas Escrituras, Jesus referiu-se à morte de um crente como um sono. A morte não é o que ela parece ser quando a fé está presente. É meramente temporária.

Marcos continua no versículo 40:

Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava. Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados (vv. 40b-42).

A multidão, ávida por assistir à cura da filha de Jairo, não teve nem mesmo um vislumbre do milagre. Quando Jesus entrou na casa, Ele fez todos saírem e levou consigo somente Pedro, Tiago, João, a mãe e o pai para dentro do quarto.

A mãe e o pai estavam de coração partido, mas Jesus caminhou até a beira da cama da menina, inclinou-se, pegou-a pela mão e disse, na língua aramaica: “Talitá cumi”, que significa: “Menina, eu lhe digo: Levanta-te”. Ele falou com a mesma doçura de uma mãe emitindo um grito matinal à filha sonolenta: “Filhinha, está na hora de levantar”, disse Ele.

A seguir, lemos nos versículos 42 e 43:

Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados. Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina.

Jesus não queria manchetes. Jesus veio, não

para ser colocado como um herói ou um operador de milagres, mas para trazer a compaixão de Deus. Ele realizou esses milagres de cura, não para chamar a atenção a Si mesmo somente, mas para mostrar que Deus era um Deus de grande compaixão e misericórdia. Atos de amor não precisam de publicidade. Eles são feitos por causa de si mesmos, não por causa de algum esquema oculto de auto-promoção.

CONCLUSÃO

Esta passagem, de muitas maneiras, é uma história de contrastes. Há o contraste entre o desespero dos pais enlutados e a esperança de Jesus. “Não incomode o Mestre”, disseram. “Sua filha já morreu. Não há nada mais que se possa fazer. Deixe-O ir”, disseram. Mas Jesus disse: “Não temas, crê somente”. De um lado, há a voz da desesperança; do outro lado, a voz da esperança.

Há também, nesta passagem, o contraste entre a angústia incontida dos enlutados e a tranqüilidade de Jesus. Os enlutados estavam chorando, lamentando, arrancando os cabelos e rasgando as vestes, enquanto Jesus estava tranqüilo, calmo e totalmente controlado.

A que se deve essa diferença? A diferença está no fato de Jesus confiar perfeitamente em Deus e ter plena confiança no Deus a quem Ele servia. A pior tragédia humana pode ser enfrentada com coragem quando a enfrentamos com Deus. As pessoas riram de Jesus com escárnio porque pensavam que Sua esperança fosse sem fundamento e Sua calma, enganosa. Mas o grande fato da vida cristã é que uma impossibilidade absoluta para os homens é uma possibilidade para Deus. O cristão é alguém que aprendeu a lição básica de que ele não deve olhar para as coisas visíveis, mas para as coisas invisíveis. Isso faz toda a diferença do mundo. O que, pela

lógica humana, é bom demais para ser verdade torna-se verdade com Deus. A multidão riu de Jesus com escárnio, mas esse riso transformou-se em admiração quando reconheceram o que Deus podia fazer.

Tudo isto está nos dizendo que Jesus é o Senhor da vida e da morte. Não há absolutamente nada que o cristão não possa enfrentar e vencer, incluindo a própria morte, com o amor de Deus revelado por meio de Jesus Cristo, o Seu Filho. Naquela ocasião, as pessoas riram de Jesus, mas agora, por causa de Jesus e da Sua vitória, os cristãos podem rir da morte. O cristão pode dizer juntamente com o apóstolo Paulo:

E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Coríntios 15:54-57).

A vitória tanto sobre a vida como sobre a morte pertence a Jesus e aos que fizeram dEle seu Senhor. †

Qual método você usa?

Certa vez, um crítico aproximou-se de Charles Alexander e disse sarcasticamente: “Não gosto da maneira como você faz o seu trabalho missionário”.

“Como você faz o seu?”, perguntou Alexander.

“Acho que não faço muita coisa”, admitiu o crítico.

“Bem”, respondeu Alexander, “eu gosto mais da maneira como eu *trabalho* do que da maneira como você *não* trabalha”.